

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ANA CRISTINA DOS SANTOS NASCIMENTO  
KELLY CRISTINA DE AGAPITO  
LINDSEY CRISTINA CORRÊA DA SILVA  
MÁRCIA CARDOSO GUIMARÃES

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS**  
FAIXA ETÁRIA DE SEIS E SETE ANOS

Brasília  
2005

ANA CRISTINA DOS SANTOS NASCIMENTO  
KELLY CRISTINA DE AGAPITO  
LINDSEY CRISTINA CORRÊA DA SILVA  
MÁRCIA CARDOSO GUIMARÃES

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS**  
FAIXA ETÁRIA DE SEIS E SETE ANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE, como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eleusa Montenegro**

Brasília  
2005

“É preciso se livrar da falsa consciência de que todos os professores são fantoches, de que tudo o que eles fazem é passar valores de percepção incorreta e equivocada. Muitas das intuições que têm sobre o que está acontecendo com a vida das crianças e com a sociedade são interessantes e com freqüência, corretas”.

M. Apple

## A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS – FAIXA ETÁRIA DE SEIS E SETE ANOS

Nascimento, Ana Cristina dos S.; Agapito, Kelly Cristina de; Silva, Lindsey Cristina C. da; Guimarães, Márcia C; Orientadora Profa. Dra. Montenegro Maria Eleusa  
Curso de Pedagogia-Projeto Professor Nota 10, FACE, UNICEUB

A educação sexual é um tema transversal presente nos Programas Curriculares Nacionais - PCN. Os profissionais da área de Educação e Psicologia concordam a respeito da necessidade da abordagem deste tema em sala de aula. A partir do momento que se compreende esta necessidade, muitos educadores deparam-se com o problema da falta de capacitação profissional que possa auxiliá-los na prática pedagógica. Este trabalho visou contribuir com os professores, oferecendo subsídios para o trabalho sobre a sexualidade infantil em sala de aula, bem como orientação para os pais a respeito deste tema. Para tanto, foi utilizada a pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. Foram entrevistados 05 (cinco) profissionais que atuam nessa área, sendo um professor de psicologia da criança, dois psicólogos infantis e dois professores do ensino fundamental. As categorias selecionadas para análise e discussão dos dados neste trabalho foram: O Trabalho de Orientação Sexual; O Professor e a Bagagem Sexual pré-adquirida pelos alunos; A Utilização da Mídia; A Ação diante do Modismo Incentivado pela Família; A Reação diante de Jogos Sexuais; A Linguagem Utilizada; A Influência da Família; e As Sugestões aos Professores. Concluiu-se, ao final do trabalho, que a sexualidade infantil deve ser abordada de forma natural e tranqüila, com uma linguagem simples, de acordo com a faixa etária da criança, limitando-se a responder à curiosidade da mesma. A 'bagagem' trazida de casa pela criança deve ser valorizada e respeitada; deve-se, porém, orientar os pais para que o modismo infantil não interfira no desenvolvimento natural da criança, influenciando de forma negativa, antecipando as fases do desenvolvimento infantil. A mídia exerce uma grande influência na formação sexual da criança. Sabendo usá-la de forma correta (qualidade de informação), pode ser um importante mecanismo de educação. Em relação à docência constatou-se que o profissional não deve alarmar-se quando presenciar jogos sexuais, pois fazem parte do desenvolvimento natural da criança, na faixa etária estudada (seis e sete anos). O conteúdo de orientação sexual deve ser aplicado de forma planejada e o profissional deve considerar importante o desenvolvimento de sua própria sexualidade para que o trabalho com educação sexual atinja seus objetivos.

**Palavras-chave:** educação sexual; sexualidade; ensino fundamental.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	
1.1.JUSTIFICATIVA .....	06
1.2.DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	07
1.3.OBJETIVOS .....	07
1.3.1.Objetivo Geral .....	07
1.3.2. Objetivos Específicos .....	07
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÒRICA</b>	
2.1. A SEXUALIDADE HUMANA .....	09
2.1.1. Conceito .....	12
2.2. A ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	13
2.2.1. A orientação sexual na escola .....	13
2.2.2. A orientação sexual aos pais .....	18
2.3. HOMOSSEXUALIDADE .....	20
2.3.1. Conceito .....	20
2.4. JOGOS SEXUAIS .....	21
<b>3. METODOLOGIA</b>	
3.1. PESQUISA QUALITATIVA .....	23
3.2. SUJEITOS DA PESQUISA .....	24
3.3. INSTRUMENTO DE PESQUISA .....	24
3.4. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA .....	24
3.5. CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS ..	25
3.5.1. Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa .....	25
3.5.2. Categorias selecionadas .....	26
3.5.3. Organização, análise e discussão dos dados .....	26
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38
<b>APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	40
<b>ANEXOS</b> .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. JUSTIFICATIVA

Nos últimos anos observou-se um acréscimo no que diz respeito à curiosidade infantil em torno do tema sexualidade, provavelmente incentivado pela mídia. A escola passa então a ter um papel fundamental no que diz respeito à orientação sexual. O principal objetivo desse trabalho é buscar informações para que essa intervenção pedagógica seja feita de maneira eficaz, sem que haja a imposição de crenças, mitos ou tabus.

Partindo de experiências acerca da sexualidade nas séries iniciais, deparam-se muitas vezes com dúvidas e curiosidades sobre o assunto, mas nem sempre o professor está preparado para esclarecê-las da maneira correta, seja pelo seu conteúdo ou pela faixa-etária dos alunos.

Segundo Nunes e Silva (2000), para Freud, a sexualidade não está concentrada somente nos órgãos genitais, mas também no restante do corpo, conceituando assim a sexualidade infantil como toda forma de prazer. Isto torna o papel da orientação sexual ainda mais importante, visto que a criança pode manifestar sua sexualidade tanto nas relações familiares como escolares.

Identifica-se com o trabalho de educação sexual na escola, uma necessidade de reconhecer a sexualidade infantil. Muitos adultos acham desnecessário este tipo de educação, às vezes por apresentarem uma certa ignorância em relação à sua própria sexualidade. Não ter recebido esse tipo de educação pode ser o motivo de não a apoiarem; daí a necessidade de uma orientação sexual voltada não somente aos alunos, mas também aos pais que podem ser auxiliados diante das manifestações da sexualidade infantil.

Tendo em vista a importante participação da sexualidade no desenvolvimento de todo ser humano, é preciso reconhecer a necessidade de uma orientação sexual na escola, capaz de preparar os educandos afetiva, cognitiva e socialmente, preocupando-se com as descobertas acerca de sua própria sexualidade, e tornando-se conscientes de si e do mundo. O estudo deste tema procura também capacitar e orientar o profissional da área de educação para agir e sanar dúvidas que venham a surgir, de acordo com as necessidades e curiosidades inerentes a cada faixa-etária.

## 1.2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Este tema surgiu da necessidade de compreender a sexualidade humana na faixa etária de 6 e 7 anos, possibilitando ao profissional de educação agir de forma a não traumatizar ou causar danos irreversíveis nestes indivíduos. As crianças desta faixa etária não costumam expressar oralmente seus problemas e dúvidas sendo necessário estar atento ao comportamento dos mesmos para, desta forma, reconhecer os problemas e apresentar soluções. A orientação sexual é um tema de grande importância, pois contribui para a formação de cidadãos (ãs) conscientes, responsáveis e solidários.

O professor deve estar sempre aprimorando o seu conhecimento para ser capaz de lidar de forma positiva, com as dificuldades relativas à sexualidade que possam surgir em sala de aula, tais como: excessiva manipulação dos órgãos genitais; verificação de comportamentos nos quais meninos queiram brincar somente com meninas; meninos que se vestem e agem de maneira “afeminada” etc.

Este trabalho pretende ser uma contribuição no sentido de sanar estas dificuldades direcionando o trabalho do educador permitindo-lhe saber abordar o tema sexualidade na sala de aula na faixa etária de 6 e 7 anos e agir nas diferentes situações que for necessário.

## 1.3. OBJETIVOS

### 1.3.1. Objetivo geral:

Conhecer melhor os aspectos da educação sexual a fim de colaborar com os professores em sua prática pedagógica.

### 1.3.2. Objetivos específicos:

- Compreender a sexualidade infantil de modo a colaborar com o processo educativo.

- Oferecer subsídios ao professor para que ele seja capaz de agir perante as diferentes situações que envolvam o tema dentro da sala de aula.
- Proporcionar aos professores informações a fim de que possam orientar os pais para que os mesmos sejam capazes de lidar com as situações de sexualidade infantil.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. A SEXUALIDADE HUMANA

A afirmativa de que sexo é “coisa de gente grande” vem da idéia que se teve durante muitos anos, de que a criança é um ser assexuado e que não tem nenhuma manifestação de sexualidade. Hoje sabe-se que isso não é verdade.

Segundo Nunes e Silva (2000, p. 40), a sexualidade infantil tem sua existência reconhecida graças aos estudos de Sigmund Freud (1856-1939). Formado em Neurologia, Freud estudava as neuroses tentando entender e curar as alterações psicológicas das pessoas. Ao investigar a origem dos traumas ele começou a estudar as crianças, buscando na infância as explicações para os comportamentos neuróticos dos adultos e seu estado patológico. Pôde-se concluir com suas pesquisas e estudos que a maioria das neuroses têm origem na repressão sexual sofrida pelos indivíduos na fase infantil.

Nunes e Silva (2000) afirmam, ao analisar os estudos de Freud, que a criança manifesta sua sexualidade desde o nascimento, sendo a amamentação o primeiro contato sexual da criança com a mãe. Quando a criança é tocada, o corpo fala por si com sensações de prazer; por isso os autores consideram relevante a noção e reconhecimento do próprio corpo para a sexualidade na criança.

Ainda segundo estes autores, é a partir dos quatro anos que a criança tem sua sexualidade mais aguçada, começando então a apresentar interesse por assuntos sexuais. No início tentam satisfazer sua curiosidade com teorias próprias, o que muda posteriormente por volta dos seis e sete anos, quando as primeiras curiosidades giram em torno dos órgãos sexuais das outras crianças. Tendo seu próprio corpo como referência, torna-se complicado para as crianças aceitarem ou entenderem a diferença do sexo oposto. Os autores ressaltam que, para Freud, é mais complicado para os meninos aceitarem que as meninas não possuem pênis. Para a menina, uma vez que viu o órgão genital masculino, aceita a diferença com mais facilidade (*ibidem*, p. 41).

Os autores afirmam que a curiosidade, num segundo momento, passa a girar em torno do ato sexual. O que acontece muitas vezes, é que os pais acreditam que as crianças não entendem e por conseqüência não se interessam. Há ainda para Nunes e Silva, uma terceira curiosidade básica, que diz respeito às

teorias sobre o nascimento, afirmando que “as crianças formulam muitas explicações para entender o nascimento” (*ibidem*, p. 54). Segundo eles, além de Freud, Rousseau também formulou pensamentos a respeito desta curiosidade infantil:

Como se fazem as crianças? Pergunta embaraçante que ocorre assaz naturalmente às crianças e cuja resposta indiscreta ou prudente decide por vezes de seus costumes e sua saúde para o resto da vida. A maneira mais curta que uma mãe imagina para se desobrigar sem enganar o filho é impor-lhe o silêncio[...] é o segredo das pessoas casadas, lhe dirá: as crianças não devem ser tão curiosas. Eis o que resolve muito bem o problema da mãe: mas que saiba que despeitado com o ar de desprezo, o menino (a) não terá mais um minuto de descanso enquanto não tiver descoberto o segredo das pessoas casadas e não tardará em descobri-lo (*apud* NUNES E SILVA, 2000, p. 54).

Ainda sobre a curiosidade infantil, estes autores afirmam que, quando a mesma não é satisfeita, pode virar ansiedade e desencadear um distúrbio na personalidade. Por isso, recomendam que a curiosidade da criança seja satisfeita respeitando, certamente, os limites do seu entendimento, esclarecendo somente sua pergunta de maneira simples, sincera e objetiva, de forma que novas dúvidas não sejam geradas a partir da resposta, resultando assim em patologias e neuroses na fase adulta (*ibidem*, p.55).

Em 1909, em uma conferência sobre estudos psicanalíticos nos Estados Unidos, Freud expôs os motivos de ter buscado na infância explicações para as neuroses apresentadas pelos adultos:

O modo de proceder dos doentes em nada facilita o reconhecimento da justeza da tese que estamos aludindo. Em vez de nos fornecerem prontamente informações sobre a vida sexual, procuram por todos os meios ocultá-la. Em matéria sexual os homens são em geral insinceros. Não expõem a sua sexualidade francamente; saem recobertos de espesso manto, tecidos de mentiras, para se resguardarem, como se reunisse um temporal terrível no mundo da sexualidade. E não deixam de ter razão; o sol e o ar em nosso mundo civilizado não são realmente favoráveis à atividade sexual (*apud* NUNES E SILVA, 2000, p. 38 e 39).

Esta afirmação, segundo Nunes e Silva (*ibidem*, p. 40), mereceu bastante destaque nos trabalhos de Freud, e encontra-se na Quarta Lição de Psicanálise (1970), que trata da importância da vida sexual da criança. Segundo Freud, os sintomas neuróticos são conseqüências de uma sexualidade reprimida na infância, que na vida adulta podem se manifestar em forma de patologias ou comportamentos doentios.

Esses autores (*ibidem*, p. 40) destacam que, no surgimento dos estudos freudianos sobre o desenvolvimento infantil, não se admitia que existissem na criança impulsos sexuais, sendo ele o primeiro a considerar a sexualidade infantil desde o nascimento até os atos sexuais das crianças, como ereção, jogos e simulações sexuais. Freud (1970) afirmou que “a infância não é o período da vida marcado pela ausência do instinto sexual”, mas o mesmo se manifesta no meio contextual e nas relações familiares.

Para Nunes e Silva (2000, p. 43), é incontestável a contribuição de Freud para os estudos da sexualidade infantil. Ele caracteriza a “amnésia infantil”, uma espécie de falta de memória referente ao período de seis a oito anos de idade, sendo que o início da vida sexual está esquecida, oculta nesses primeiros oito anos de vida. Quando crianças são reprimidas por manifestarem atitudes sexuais de forma natural ou até instintiva, podendo se tornar adultos seriamente prejudicados na formação da sua personalidade e na vivência sexual. Em um famoso artigo intitulado “O esclarecimento sexual da criança” de 1970, Freud declara sobre como lidar e abranger a sexualidade com a educação infantil:

Considero um avanço muito significativo na educação infantil que na França o Estado tenha introduzido; em lugar do catecismo, um manual que dá à criança as primeiras noções de sua situação como cidadão e dos deveres éticos que deverá assumir mais tarde. No entanto, essa educação elementar continuará com sérias deficiências enquanto não abranger o campo da sexualidade. Esta é uma lacuna que deveria merecer a atenção dos educadores e reformadores. Nos países onde colocaram a educação das crianças total ou parcialmente nas mãos do clero será, naturalmente, impossível levantar o problema. Um sacerdote nunca admitirá que os homens e os animais tenham a mesma natureza, pois não pode abdicar da imortalidade da alma, que lhe é necessária como base de seus preceitos morais. Mais uma vez vemos que a insensatez de colocar um único remendo de seda num casaco esfarrapado, isto é, a impossibilidade de efetuar uma reforma isolada nem alterar as bases de todo sistema (*apud* NUNES E SILVA, 2000, p. 91).

Desta forma, de acordo com esses autores (*ibidem*, p. 92), Freud defendia uma orientação sexual na infância capaz de formar adultos conscientes de si e conscientes do mundo. Esse estudioso da sexualidade infantil apoiava a idéia de que a educação moral e científica devem caminhar juntas, aliando a capacidade cognitiva à visão de mundo.

### 2.1.1. Conceito

Segundo Nascentes (1988, p. 584), sexo é o que constitui a diferença entre os seres masculino e feminino. É também o que os atrai um para o outro, e envolve profundos sentimentos e desejos.

De acordo com a Enciclopédia Delta Universal (1980, p. 7304):

[...] em função do sexo, um homem e uma mulher podem criar um interesse recíproco, enamorar-se, casar-se e ter filhos. Os animais e plantas produzem, geração após geração, seres de sua própria espécie, graças à reprodução sexuada. Mas para o homem e a mulher o sexo está além da reprodução. Tem sobre a vida humana, efeitos biológicos, psicológicos e sociológicos naturais e importantes.

Ainda, segundo orientações descritas na Enciclopédia Delta Universal (1980), “a maioria dos homens e mulheres difere entre si não apenas na anatomia, mas também no comportamento e nos interesses”. Algumas dessas diferenças são biologicamente determinadas por hormônios sexuais. Muitas diferenças não anatômicas, entretanto, parecem basear-se em papéis sexuais que todo indivíduo aprendeu a desempenhar. Os seres humanos nascem macho ou fêmea, mas aprendem a ser masculinos ou femininos.

Pôde-se encontrar, também, nessa Enciclopédia, que a sexualidade não era tratada de forma natural, mas de maneira desrespeitosa, afirmando que:

Até meados do séc. XX, a maioria das pessoas não falava abertamente de sexo. O assunto dissimulava-se em risinhos, rubores e ‘anedotas sujas’. Hoje em dia, entretanto, o sexo é muito mais freqüentemente discutido como parte normal da vida humana (p. 7306).

Sayão (2000) afirma que a curiosidade infantil em torno do sexo tem início perto dos três anos, mais ou menos. Segundo esta autora “[...] até os 6 anos toda criança vive a maior curiosidade sexual” (p.115). Até a puberdade essa curiosidade gira em torno de perguntas.

Há muitas discussões a respeito do tema sexualidade e jogos sexuais. A esse respeito essa autora continua:

A criança ainda não tem essa idéia de sexo e prazer que você tem agora. Mas ela já saca que, mexendo em certas partes do corpo, sente uma coisinha muito gostosa por dentro. E quando descobre isso, assim meio sem querer, quer fazer muitas vezes. [...] isso acontece por volta dos três anos, mais ou menos. Dura um tempo e depois acaba por outros interesses (p. 31).

São encontradas facilmente em jornais e revistas informações e pesquisas no campo da sexualidade humana. Livros, artigos de revistas e *sítes* na internet discutem os prazeres e problemas de situações sexuais.

## 2.2. ORIENTAÇÃO SEXUAL

### 2.2.1. A orientação sexual na escola

Segundo Suplicy, a educação sexual teve um impulso ao longo da história e foi se revelando:

No início do século começaram as preocupações com a Educação Sexual no Brasil, com intenções higienistas e médicas. Objetivava-se o combate à masturbação, às doenças venéreas e ao preparo da mulher para o papel de esposa e mãe. Sempre com objetivos de "saúde pública" e de "moral social", procurando assegurar-se a saudável reprodução da espécie (*apud* Guimarães, 1995, p.59).

Nos anos 60, segundo Guimarães (*ibidem*, p.60 e 61), surgiram os livros do padre Charborneau, cujas abordagens eram dentro da moral católica sendo pouco acessível aos adolescentes, com o objetivo apenas de conscientização dos jovens à respeito da paternidade. Para a autora mencionada anteriormente, no período de 1954 a 1970, houve uma tentativa de levar a educação sexual às escolas. O orientador sanitário era o responsável por essas aulas, que eram ministradas às meninas, suas mães e aos professores. Mudanças sexuais na puberdade, gravidez e parto eram os assuntos das aulas. Este programa foi interrompido por determinação do MEC em 1970.

A educação sexual foi inserida no currículo dos ginásios vocacionais entre os anos de 1961 a 1969, como uma atividade normal dos trabalhos escolares. A Educação Sexual ficava sob a coordenação da equipe de orientação educacional. As atividades eram desenvolvidas com os professores (dentro da unidade pedagógica do currículo) ou em grupos lidando diretamente com os alunos (*idem*, *ibidem*, p.63).

A autora afirma, também, que a história da Educação Sexual no Brasil "ainda apresenta-se em movimentos isolados e esparsos, que ocorrem de um modo esporádico". Não há um comprometimento, um trabalho coletivo "prolongando-se a postura marasmática, indiferente, repressiva e desatualizada da nossa escola pública" (*ibidem*, p. 68).

Segundo o Currículo da Educação Básica do Ensino Fundamental (2002, p. 22), a orientação sexual deve ser um processo de intervenção pedagógica, com o principal objetivo de transmitir informações e abordar questões relacionadas à sexualidade como posturas, valores ou tabus. Esta intervenção deve ocorrer de maneira que possibilite uma discussão dos diferentes pontos de vista, sem a imposição de crenças e valores.

Esse currículo propõe que a orientação sexual possibilite aos alunos conhecerem e respeitarem o próprio corpo podendo exercer sua sexualidade de forma prazerosa e responsável. O papel da escola é problematizar questões como comportamentos e manifestações da sexualidade que possam vir a ser expressas na escola (*ibidem*, p. 22).

Ao compreender a criança como um ser sexual, é importante refletir sobre como ocorre esse processo. A criança apresenta sua sexualidade desde o nascimento, e vai se desenvolvendo gradativamente.

É necessário estar atento aos níveis de informação e curiosidade da criança. As informações devem ser passadas na medida certa como cita Merleau-Ponty:

A importância da informação propriamente dita varia de acordo com o grau de desenvolvimento da criança, mas ela não constitui jamais a totalidade, possivelmente nem mesmo o essencial da educação sexual, sobretudo quando dirigida aos muitos jovens (1975, p. 28).

Apesar de afirmarem que a família ainda é o núcleo básico das representações sexuais, Nunes e Silva (2000) remetem à escola a melhor forma de socialização da criança, como um espaço mais amplo. Abordam, ainda, que tratar da sexualidade na escola requer a superação do senso comum.

Entre as dificuldades encontradas pelos professores, os autores destacam a ausência de fundamentos científicos e análise dos comportamentos sexuais infantis. Geralmente estes fundamentos baseiam-se numa cultura repressiva, sendo reforçada pela família, religião e até pela própria escola. Em pesquisas realizadas por esses autores acerca das manifestações da sexualidade infantil, alguns professores apontam uma dificuldade pessoal diante da complexidade da sexualidade humana, reclamando ainda da falta de conteúdos, o que dificulta o esclarecimento de situações que envolvem a sexualidade infantil (*ibidem*, p. 46).

Segundo Camargo e Ribeiro (1999, p. 39), na escola brasileira a educação sexual, principalmente nos níveis da Educação Infantil e Ensino Fundamental, tem

sido bastante polêmica. Ainda hoje, muitos consideram a abordagem de questões sexuais na escola como algo não sadio, pois estimularia precocemente a sexualidade da criança e do adolescente. Para outros, a discussão orientada de temas relacionados à sexualidade proporcionaria às crianças e aos jovens o conhecimento da importância da vida sexual bem mais cedo e com profundidade. Nesse sentido, essas autoras afirmam que:

Hoje, a discussão da necessidade da Educação Sexual na escola deveria estar superada, uma vez que as conseqüências futuras da ausência de informações sobre a sexualidade podem ser claramente sentidas em nossa sociedade, em que a liberdade de expressão é exercida quase na sua totalidade e a sexualidade mostrada na televisão e em folhetins de forma fragmentada é freqüentemente deturpada. Assim é inconcebível que o tema não seja tratado de forma sistemática, consciente e responsável na escola (*ibidem*, p. 39).

Para elas, o caminho para a educação sexual, é a possibilidade do conhecimento e do desenvolvimento da vida sexual, com maior espontaneidade, liberdade e aceitação das diferenças individuais, tanto para o educador quanto para a criança. No entanto, são grandes os desafios, principalmente para o educador.

As autoras afirmam que a criança, desde a tenra idade, faz inúmeras perguntas relacionadas ao sexo; isto, muitas vezes bem mais que outros grupos de mais idade. São perguntas básicas para o desejo de saber e, se ocultadas, podem inibir o ímpeto da busca do conhecimento, conforme pode-se ler:

[...] as crianças percebem as diferenças entre os sexos, manifestam curiosidade sobre reprodução e nascimento, falam sobre namoros, participam de jogos sexuais, compartilham informações sobre sexo independente de o adulto querer ou não. O grupo é fonte de informações (*ibidem*, p. 57).

Continuam afirmando que, para a criança, a sexualidade perpassa brincadeiras, natural e espontaneamente. O brincar é assunto sério para as crianças. Elas organizam o seu mundo buscando o seu jeito de perceber as relações sociais que, na maioria das vezes, são padronizadas; se o trabalho educativo não desmontar a mecânica estabelecida e enraizada, resta-lhes apenas reproduzir a padronização.

De acordo com Aquino (1997, p.101), as crianças trazem de casa valores, conceitos e preconceitos. A parceria da escola com os pais é fundamental para

que os esclarecimentos possam fluir tranqüilamente sem causar grandes terremotos, parceria esta que:

nem sempre quer dizer concordância, o que, no entanto, não deve impedir o desenvolvimento do trabalho, desde que a escola saiba entender a angústia dos pais e suportá-la, sem criar impedimentos a partir disso. A escola deve saber reconhecer que cada família tem seus valores, que são transmitidos para seus filhos. Não cabe à escola competir com a família, nem ocupar seu lugar. Ela deve ter o seu papel claramente diferenciado e definido (p. 102).

Ainda, segundo este autor, mesmo cumprindo o seu papel com responsabilidade e competência, a escola tem seus limites no trabalho de informar aos alunos e auxiliá-los a terem seus próprios valores na vida sexual, sabendo respeitá-los com coerência. Aquino ressalta que um dos papéis é o de o aluno falar e ouvir em grupo. Ele precisa, inclusive, aprender a respeitar esse limite, a saber preservar sua intimidade, formulando suas dúvidas e questionando sem colocar sua privacidade em risco. É nesse limite que termina a possibilidade de trabalho na escola.

Para o autor (*ibidem*, p. 102), isso não significa que professores, orientadores, pais e alunos não possam contar com outros veículos auxiliares para complementar a formação sobre a sexualidade.

A mídia exerce uma grande influência no cotidiano. Favorece a formação de valores e conceitos e interfere, de alguma maneira, no comportamento sexual. Para Ribeiro (2005, p. 112) a mídia, mais especificamente a T.V., exerce esta influência contribuindo positiva ou negativamente para a educação das crianças, desde que utilizada para esse fim. Afirma, ainda, que a exposição precoce da criança a cenas de sexo e pornografia pode interferir no seu desenvolvimento emocional.

Visto que a sexualidade infantil influi diretamente na vida sexual adulta, deve-se dar a devida importância ao tema em questão.

A seguir, serão abordados nesse trabalho, os comportamentos sexuais da faixa etária de 06 e 07 anos, segundo Piaget (1972, p. 53):

➤ 6 anos

Nessa idade a criança inicia uma curiosidade física pelas diferenças sexuais. Surgem então os jogos sexuais; elas gostam de brincar de médico, de papai e mamãe e com expressões relacionadas aos órgãos genitais. Neste momento os interesses das crianças estão voltados ao descobrimento do seu corpo e do outro. São atividades normais para a idade, portanto não devem ser reprimidas com atitudes de condenação ou castigo. Quando satisfeitas as suas curiosidades, a criança abandona naturalmente o jogo sexual.

➤ 7 anos

Com as curiosidades físicas satisfeitas, nesta idade as crianças procuram saber as características sexuais dos meninos e meninas. É nesta idade que surgem as histórias de namorados com frequência. As crianças procuram também informações mais detalhadas sobre o nascimento. Os jogos sexuais passam a ter o prazer fixado nos órgãos genitais, e como já apresentam uma maior capacidade de compreensão, é conveniente adverti-las, a fim de que as crianças saibam conduzir-se, evitando problemas sexuais futuros. Ao final desta fase, a criança começa a substituir seus interesses nos jogos sexuais pelas atividades escolares, reconhecendo e firmando o prazer intelectual.

Sobre estas fases, Ribeiro (2005, p. 44-47) apresenta as seguintes informações que complementam as idéias de Piaget, afirmando que por volta dos 6 anos dá-se início ao “Clube do Bolinha” ou ao “Clube da Luluzinha”, onde as crianças se organizam formando a sua “turma”, a partir de interesses iguais. Segundo o autor, a formação destes grupos é importante pois é por meio deles que a criança aprende a lidar com o “igual” e o “diferente”. Nesta fase, pais e professores devem ficar atentos para que não se excedam os limites e se transforme numa “guerra dos sexos”. Por meio da convivência, a criança solidifica sua própria identidade e progressivamente passa a expressar sua própria opinião, fator importante para o convívio social.

É comum por volta dos 7 anos, a preocupação da criança, antes voltada para a descoberta de ser menino ou menina, se transformar em interesse pelo outro. O autor ainda afirma que se a criança aos 7 anos não fizer nenhuma pergunta sobre sexo, os pais podem aproveitar uma cena de televisão ou qualquer situação para começar esta conversa. Se considerar conveniente, pode

levar a criança a alguma livraria e mostrar alguns livros infantis sobre o tema em questão. Pode ser um passo importante, além de começar a frequentar livrarias (*ibidem*, p.47).

### 2.2.2. A orientação sexual aos pais

A família é o grupo social mais importante, sendo a primeira referência do mundo que a criança conhece. Ribeiro (2005, p.41) salienta que a família é a responsável direta pelo cuidado e desenvolvimento da criança. Independente de como seja esta organização familiar, deve ser “um espaço de discussão e crescimento mútuos, no qual se possa conversar, trocar experiências e resolver seus conflitos sem violência” (p. 42).

Em artigo escrito ao Jornal Correio Brasiliense, Oliveto (2005) afirma que o “modismo infantil” ocorre por desatenção dos adultos delegando aos pais o controle em permitir ou proibir. Para ela, a criança ainda não compreende o significado de certos atos considerados inadequados pelos adultos. Elas reproduzem inconscientemente comportamentos que observam em seu meio, o que é importante para seu desenvolvimento social.

Ainda, segundo Oliveto, há o problema da maneira como os pais devem lidar com a situação, pois a inocência da criança que apresenta um erotismo precoce é diferente da dos adultos que a observam. A autora afirma que “criminoso é o pai que expõe seu filho como um miniadulto”, sendo a orientação a melhor maneira de interferir no comportamento da criança, sem intervir no seu desenvolvimento. Esta autora ainda cita que é necessário explicar às crianças que não é um determinado produto que vai trazer felicidade à família. Que elas não precisam usar os mesmos acessórios que os colegas e principalmente não incentive a criança a pintar o cabelo, pintar as unhas ou usar maquiagem. Cada fase deve ser vivida e cabe aos pais conscientizar a criança que a próxima fase não precisa ser antecipada.

É nítida a insegurança dos adultos diante das manifestações da sexualidade infantil. Segundo Nunes e Silva (2000), o medo dos adultos em tratar do assunto com as crianças as torna confusas e às vezes até mais curiosas. Afirmam, também, que não só os pais, mas muitos professores estabelecem “modelos” de crianças, padronizando comportamentos relacionados à sexualidade, a qual lhes é negada devido à postura dos adultos diante dessa

sexualidade, que é totalmente diferente de uma postura infantil ao tratar deste mesmo assunto.

O desenvolvimento da sexualidade infantil depende muito da orientação que a mesma receberá acerca da sua própria sexualidade. Esses autores afirmam que a sexualidade tem uma participação relevante no desenvolvimento de cada um de nós, citando que:

Quanto ao desenvolvimento da sexualidade infantil, estamos fazendo muito pouco para que, pelo menos, a criança aprenda a ter e assumir seu próprio corpo. O corpo que é ela própria, constitui seu ser, que vai vivenciá-lo pelo resto da vida e que deverá ser um instrumento de trabalho e prazer [...] ( *ibidem*, p. 51).

Ainda, segundo estes autores, a sexualidade é colocada para as crianças muitas vezes, como zona proibida, negando a existência de manifestações sexuais na infância. Criando na sexualidade essa zona proibida, o sexo passa a ser visto de maneira diferente, com bastante curiosidade. No momento em que surgirem as dúvidas e curiosidades, não há necessidade que os pais forneçam à criança um exagero de informações. A satisfação da curiosidade infantil a respeito da sexualidade, deve ser feita com a verdade, à medida que forem surgindo. Outro fator que é ressaltado por Nunes e Silva (*ibidem*, p. 52), é a linguagem utilizada. É importante conversar com as crianças numa linguagem que elas dominem. As respostas devem acompanhar a natureza das perguntas, devem ser simples, claras e sem muitos detalhes, ou seja, à altura da capacidade de entendimento da criança. A preparação deve ser gradativa, de acordo com o desenvolvimento e curiosidade da criança.

Os autores Nunes e Silva relatam que, geralmente as crianças agem com naturalidade em relação à sexualidade, sem se preocupar com padrões de comportamento impostos pelos adultos. Os autores acima citados (*ibidem*, p. 42), afirmam que reprimindo a sexualidade da criança, a personalidade também é reprimida assim como o próprio corpo. O que muitos pais não entendem é que não há uma separação distinta entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Existe na verdade uma continuidade, ou seja, a repressão sexual na infância pode trazer conseqüências gravíssimas para a vida adulta. Por isso os autores consideram a formação sexual como um aspecto de afetividade, visando um bom relacionamento físico e afetivo adulto. Deve ser aprendida, desde cedo, até atingir um amadurecimento natural.

## 2.3. HOMOSSEXUALIDADE

### 2.3.1. Conceito

Como conceituado na Enciclopédia Delta Universal (1980, p. 4063), a homossexualidade é a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo. Tanto o homem quanto a mulher podem ser homossexuais. As homossexuais são algumas vezes chamadas de lésbicas. Algumas pessoas não são totalmente homossexuais ou inteiramente heterossexuais (que sentem atração sexual pelo sexo oposto). Alguns homossexuais casam-se com pessoas do sexo oposto e têm filhos. Muitos heterossexuais participaram, de algum modo, de atividades homossexuais em determinada época de suas vidas. As pessoas que se sentem freqüentemente atraídas pelos indivíduos de seu próprio sexo e pelos do sexo oposto são chamadas bissexuais.

Esta mesma obra afirma que:

As causas do homossexualismo, não estão ainda totalmente compreendidas. Segundo a teoria mais amplamente aceita, uma criança pode ser atraída por qualquer dos sexos ou por ambos. Mas certas crianças têm experiências que conduzem à desconfiança ou ao medo do sexo oposto; outras acham difícil identificar-se com o papel que desempenha seu sexo no seio da sociedade. Em qualquer dos casos, o homossexualismo pode tornar-se mais satisfatório do que o heterossexualismo (p. 4063).

Uma segunda teoria relatada na Enciclopédia Delta Universal (1980, p. 4064), afirma que cada menino ou menina passa por um estágio de atração por indivíduos de seu próprio sexo. Esse estágio ocorre entre as idades de seis a 12 anos, na maioria dos casos. Dados os vários problemas emocionais, algumas pessoas nunca superam esse estágio. Alguns psiquiatras defendem esse ponto de vista, mas a maioria deles pronuncia-se contrariamente. Uma outra teoria afirma que o homossexualismo resulta de determinada combinação de substâncias químicas existentes no organismo humano. A comprovação de cada uma dessas teorias é contraditória e confusa. Muitos especialistas entendem que um determinado número de diferentes fatores pode levar ao homossexualismo em diferentes pessoas.

Algumas pessoas podem esforçar-se por mudar sua preferência sexual com o auxílio de um tratamento psiquiátrico. Quanto mais jovem for a pessoa, tanto mais provável será sua capacidade de aceitação da mudança. Aquela que

possua amigos heterossexuais e que lhe dêem apoio compreensivo emocional aceitará, provavelmente, a mudança com menos dificuldade do que outra que vive a maior parte de seu tempo entre homossexuais (*ibidem*, p. 4063).

Sobre a identidade sexual, Ribeiro (2005, p. 34) afirma que é um aspecto básico do desenvolvimento da personalidade de cada pessoa. Levando em consideração os órgãos genitais, ao nascer, a criança é identificada como menino ou menina. Esse autor diz que “a criança tem um ‘núcleo de base’ da identidade sexual, ainda primário, que compreende os seus sentimentos de ser menino ou menina”. Para ele, os pais exercem uma grande influência na estruturação da identidade por representarem o primeiro e principal contato da criança com o mundo. Esta influência não provém só dos pais, mas sim de uma inter-relação entre os componentes genéticos (biológicos), psicológicos (incluindo a relação com os pais) ou a interação com o social. Por isso, esse autor ressalta que “é um sistema complexo da sexualidade e não é um jogo ou brincadeira, ou um mimo maior dos pais, que vai definir a orientação sexual da pessoa” (p.107).

#### 2.4. JOGOS SEXUAIS

Nunes e Silva (2000), apontam as principais manifestações da sexualidade infantil no ambiente escolar, as quais são marcadas fortemente pela ansiedade, pelo medo, preconceito e ignorância. O que poderia ser apenas uma curiosidade, pode transformar-se em ansiedade e insegurança, devido a não satisfação dessa curiosidade.

Estes autores levam à constatação de que a criança passa quase metade das horas do dia na escola, o que torna comum as manifestações sexuais nesse ambiente, que fazem sem disfarçar, expressando com naturalidade e tranqüilidade. A atenção dos educadores neste momento deve estar voltada para estas manifestações, para fazer uma intervenção significativa e positiva.

Ainda, segundo estes autores, uma das manifestações da sexualidade infantil mais observadas pelos educadores, é a prática de manipular os órgãos sexuais sendo que “a manipulação dos órgãos genitais proporciona intensa experiência de prazer para a criança” (*idem, ibidem*, p. 77). Deve-se considerar que essa busca pelo prazer não é intencional; por isso a criança não deve ser reprimida como perversa e sim ter sua atenção desviada para outras atividades sem ser constrangida. Esta fase do desenvolvimento infantil é caracterizada por

Nunes e Silva como a descoberta do próprio corpo e a simples exploração de suas características. A descoberta dos órgãos genitais não pode ser classificada somente como masturbação, sendo “uma exploração prazerosa de sensações corporais, um fenômeno universal, inconsciente, inofensivo e deve ser compreendido como uma descoberta do próprio corpo” (p. 78).

Outra atitude que estes autores enfatizam é a atitude da criança em reter a urina, como uma forma de estimulação prazerosa provocada sobre os órgãos sexuais. Esta atitude não é considerada pelos autores uma perversidade, somente uma forma de controle sobre o corpo que a criança experimenta. Os autores ainda recomendam que os educadores não devem considerar os jogos e descobertas sexuais como “desvios”, mas sim acompanhar numa dimensão educacional, ao invés de reprimi-la (*ibidem*, p. 78).

Esses autores abordam ainda sobre uma atitude observacionista das crianças, que consiste na ansiedade em ver, apalpar e conhecer as identidades sexuais. É comum na idade de seis anos, principalmente os meninos, espiarem as meninas no banheiro, levantar suas saias para ver a cor da calcinha, tentar ver os genitais. Quando estas práticas tornam-se muito freqüentes, os autores recomendam uma intervenção do educador no sentido de mostrar às crianças a função e significação dos órgãos sexuais, fazendo-a de maneira clara e segura, dentro de um planejamento adequado à idade e às dúvidas apresentadas.

Ainda sobre este assunto, Nunes e Silva expõem o papel dos educadores, no que diz respeito às manifestações da sexualidade infantil dentro da sala de aula:

Nosso papel de educador é o de interferir, no limite da nossa competência, na crítica aos modelos repressivos/permisivos para a construção de uma sexualidade humanizada, erótica e lúdica, só possível numa relação de confiança e afeto (*ibidem*, p. 83).

Para Camargo e Ribeiro (1999, p. 58), os jogos sexuais fazem parte de brincadeiras e os contatos – entre crianças da mesma idade – não causam danos físicos ou psicológicos e não têm a conotação que o adulto lhes imprime, ou seja, da relação sexual, nem é algo feio, errado, prejudicial, ruim:

A criança tem o direito de sentir que seu corpo é adorável e bom e que é somente dela e apenas ela poderá decidir quem pode ou não tocá-lo. Há muito que fazer para aumentar seu sentimento de autoconfiança, considerando a proximidade, a intimidade, o amor e os sentimentos. É desafiador fornecer informações precisas, confiáveis, sem preconceitos para o estabelecimento da confiança mútua (*ibidem*, p. 58 e 59).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. A PESQUISA QUALITATIVA

Nesse trabalho foi utilizada a Pesquisa Qualitativa do tipo Estudo de Caso Etnográfico.

Ao se buscar ampliar a compreensão a respeito do campo de conhecimento em Pesquisa Educacional, a abordagem qualitativa apresenta-se como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção meramente quantitativa de características e comportamentos (DEMO, 1986, p. 18).

A pesquisa qualitativa, segundo esse autor, surgiu a partir do trabalho em Antropologia e Sociologia e sua inserção no contexto educacional ocorreu na década de 70 denunciando que os dados quantitativos precisavam de um novo olhar.

Contudo, as duas abordagens não se excluem. A abordagem quantitativa atua em níveis de realidade na qual os dados trazem à tona indicadores e tendências observáveis. A abordagem qualitativa realça os valores, as crenças, as representações, as opiniões, atitudes e usualmente é empregada para que o pesquisador compreenda os fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna do fenômeno pesquisado (*idem, ibidem, p. 19*).

Características da pesquisa qualitativa:

<b>PESQUISA QUALITATIVA</b>
Percepção do fenômeno.
Isolar casos.
Observar seqüências, testemunhos, contexto.
Selecionar casos.
Observar, entrevistar, registrar.
Determinar padrões, selecionar e classificar.
Triangular, validar, interpretar.
Fazer estudos de caso ou relatórios.
Produto: compreensão com ênfase em generalidades.

(Fonte: DEMO, Pedro, 1986, p. 21).

### 3.2. SUJEITOS DA PESQUISA

Foram pesquisados 05 (cinco) especialistas sobre Psicologia Infantil ou sobre a Sexualidade, sendo eles: um professor de Psicologia da Criança; dois psicólogos infantis; e dois professores que atuam na faixa etária de 06 e 07 anos no DF.

### 3.3. INSTRUMENTO DA PESQUISA

Partindo desta necessidade e das palavras-chave: SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO, ESCOLA e FAMÍLIA, este trabalho utilizou a entrevista (Apêndice), com o objetivo de discutir o papel da família no processo de desenvolvimento do sujeito, demonstrando tanto a necessidade do trabalho de Educação Sexual na escola quanto na família, procurando entender o como e o porquê esse processo se dá, definindo o papel dos envolvidos no processo.

A entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver outras e ser dirigida por uma delas, com o objetivo de obter informações sobre a outra. No caso do investigador qualitativo, a entrevista surge com um formato próprio. A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN e BÍKLEN, 1994, p.134).

Essas entrevistas visaram a coleta de dados para analisar a sexualidade infantil e como a mesma pode ser abordada no ambiente escolar e familiar.

### 3.4. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Normalmente, a pesquisa qualitativa é realizada em seis fases distintas, iniciando-se com a escolha do tema, no projeto de pesquisa, e concluindo-se com as considerações finais da Monografia.

Assim, essas fases foram distribuídas em:

- Primeira fase: consistiu na escolha do tema e na pesquisa bibliográfica em livros e periódicos. Foi possível, nesse sentido, iniciar um posicionamento em relação aos princípios teóricos pertinentes, com a definição do seguinte tema deste trabalho:

Tema da pesquisa	Período de escolha do tema
<p style="text-align: center;"><b>A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS</b> FAIXA ETÁRIA DE SEIS E SETE ANOS</p>	<p style="text-align: center;">Outubro de 2004.</p>

- Segunda fase: consistiu na elaboração do projeto de pesquisa, no período de fevereiro a abril de 2005.
- Terceira fase: consistiu na construção do referencial teórico da monografia, em abril de 2005.
- Quarta fase: consistiu na elaboração e aplicação do instrumento de coleta de dados, em maio de 2005.
- Quinta fase: consistiu na organização, análise e discussão dos dados, em maio de 2005.
- Sexta fase: consistiu na construção final da monografia com suas considerações teórico - práticas, no período de maio e junho de 2005.

### 3.5. CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 3.5.1. Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Os entrevistados são do sexo feminino, sendo que duas são professoras e três são psicólogas (duas são psicólogas infantis). Possuem formação acadêmica superior, sendo duas formadas em Pedagogia, duas em Psicologia Infantil e uma em Psicologia. As professoras atuam na 1ª e 2ª séries do ensino fundamental. Uma das psicólogas infantis atende em uma clínica particular e a outra trabalha na equipe psico-pedagógica do ensino especial. A psicóloga atua como docente no curso de Psicologia em ensino superior (UnB). O período de atuação profissional das entrevistadas está entre 2 e 15 anos. Das cinco entrevistadas, quatro estão na faixa etária entre 30 e 40 anos e uma entre 20 e 30 anos.

### 3.5.2. Categorias selecionadas:

As categorias escolhidas para este trabalho foram:

- O trabalho de Orientação Sexual;
- O professor e a bagagem sexual pré-adquirida;
- A utilização da mídia;
- Ação diante do modismo incentivado pela família;
- Reação diante de jogos sexuais;
- Linguagem utilizada;
- A influência da família;
- Sugestões aos professores.

### 3.5.3. Organização, análise e discussão dos dados

Os dados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias propostas, conforme descrição a seguir:

#### ✓ O trabalho de Orientação Sexual

Assim as entrevistadas se posicionaram a respeito deste item:

“Abordar apenas as diferenças físicas entre meninos e meninas, utilizar a nomenclatura correta para as partes do corpo e responder às perguntas e curiosidades da criança apenas para satisfazê-la, sem aprofundar o assunto”.

(Professor 01)

“Por meio de histórias”. (Professor 02)

“De forma lúdica, com gravuras, textos, filmes que demonstram de forma clara e objetiva”. (Psicóloga infantil 01)

”Crianças, nesta faixa etária, fazem questionamentos de ordem sexual. Como possuem idade para perguntar, possuem também idade para ouvir a resposta. O tom de voz, o olhar e a postura do profissional que responde aos questionamentos infantis devem ser valorizados para que não sejam artificiais,

nem repressores. Para satisfazer a curiosidade infantil, o adulto deve saber de onde vem e o porquê das perguntas, responder com honestidade, restringir-se à pergunta feita sem se estender, fornecer explicações em linguagem simples e familiar e sempre que possível, responder no momento em que a criança solicita”.

(Psicóloga infantil 02)

“Esse trabalho deve ser de acordo com a curiosidade da criança, nunca ultrapassando esse limite. Deve-se procurar não deixar para depois nenhum questionamento e utilizar uma linguagem o mais simples possível”. (Psicóloga)

As profissionais entrevistadas concordaram que a curiosidade da criança a respeito da sexualidade deve ser sanada de forma clara e sucinta, utilizando-se de uma linguagem simples, verdadeira e adequada à faixa etária. Algumas entrevistadas ressaltaram a importância do tom de voz utilizado pelo educador para que o mesmo não receba conotação repressora, bem como a abordagem da nomenclatura correta das partes do corpo.

O trabalho com a Orientação Sexual ocorre de acordo com o desenvolvimento e a curiosidade da criança, como citam Nunes e Silva (2000) ao afirmarem que a linguagem utilizada deve ser simples, clara e de acordo com a capacidade de entendimento da criança.

✓ O professor e a bagagem sexual pré-adquirida

Sobre este tema as respostas dadas foram as seguintes:

“O professor deve agir com cautela e dependendo do que os pais ensinam ou que a criança presencie, fazer um trabalho com os pais e mais tarde dependendo do conhecimento manifestado pelo aluno tentar explorá-lo e apontar as deficiências afloradas no comportamento”. (Professora 01)

“Aproveitar a bagagem trazida pelo aluno para desenvolver o conteúdo, orientando o aluno”. (Professora 02)

“O professor deve agir de forma natural sanando as dúvidas e curiosidades que aparecerem sem dificultar o seu entendimento (do aluno)”. (Psicóloga Infantil 01)

“A educação sexual é algo que acontece naturalmente e informalmente na família, bem como na escola em diversas situações. Essa educação sexual pode ser influenciada e transformada (ou não) por outras experiências de vida. As atitudes

conscientes ou não, verbais ou não dos pais diante da sexualidade são as influências mais importantes que a criança tem para elaborar sua vida sexual. Essa 'bagagem sexual' deve ser respeitada e valorizada pelo educador. O educador deve entender a família como primeiro espaço de referência da criança e proporcionar sua participação nos trabalhos realizados com as mesmas". (Psicóloga Infantil 02)

"O professor deve respeitar essa 'bagagem', porque ela é muito importante para o desenvolvimento da vida sexual da criança. É claro que toda essa 'bagagem', quando for necessário, deve ser redirecionada, mas nunca ignorada". (Psicóloga)

As entrevistadas foram unânimes em valorizar a bagagem sexual trazida pela criança. A importância da família também foi enfatizada, visto que é a base, ou seja, o primeiro foco de referência da criança. A bagagem sexual deve ser valorizada e servir de ponto de partida para o professor, como citado em algumas das entrevistas.

Segundo Nunes e Silva (2000), a família é o núcleo básico das representações sexuais, porém a escola, como espaço mais amplo, é a principal responsável pela socialização da criança, tratando sua sexualidade de modo a valorizar os conhecimentos trazidos do meio familiar. Ainda a respeito deste tema, Ribeiro (2005) salienta a importância da família no desenvolvimento da criança. Para este autor, a família é a primeira referência do mundo e um espaço de discussão e crescimento mútuo. De acordo com Aquino (1997), a parceria da escola com os pais é fundamental para que os esclarecimentos possam fluir tranqüilamente sem causar grandes "terremotos".

#### ✓ A utilização da mídia

Sobre a utilização da mídia as entrevistadas responderam:

"Sim. Hoje os pais estão muito permissivos, a criança assiste o que quer, vê revistas e muitos casos presenciam cenas impróprias para a faixa etária e maturidade. O professor deve alertar que certos programas não são aconselhados para a faixa etária das crianças e que elas, no momento adequado, poderão fazer parte daquele contexto". (Professora 01)

“Sim, as crianças estão cada vez mais envolvidas com a mídia e o professor deve trabalhar de forma a conscientizar a criança e mostrar os pontos positivos e negativos que influenciam na formação sexual do indivíduo”. (Professora 02)

“Não, ou melhor, se for apresentado pelas crianças, deverá ser feita a conscientização”. (Psicóloga Infantil 01)

“Visto que a televisão é o meio mais difundido de comunicação e que ela (T.V.) é um ‘professor’ tão poderoso, fica evidente que ela deve ser capaz de ensinar coisas positivas e produzir resultados benéficos. O profissional deve ser orientador do uso consciente e crítico da mídia, pois há uma preocupação considerável quanto ao efeito do conteúdo das mensagens de comerciais e programas sobre o comportamento das crianças”. (Psicóloga Infantil 02)

“Com certeza o professor deve usar a mídia como aliada na orientação sexual, pois como sabemos, é inevitável o contato da criança com esses exemplos que são mostrados na televisão. Deve-se levar em conta que, os pais não têm muito controle sobre os programas que são vistos pelos seus filhos”. (Psicóloga)

Com apenas uma exceção, o posicionamento acerca da utilização da mídia pelo professor no trabalho com educação sexual deve abranger uma orientação consciente e responsável, visto que a televisão é um meio de comunicação capaz de transmitir conhecimentos positivos, desde que o educador saiba nortear este trabalho. Somente uma das entrevistadas, sugere que o professor não utilize a mídia para este trabalho, e sim possa utilizar situações trazidas pela criança dando-lhe os esclarecimentos necessários.

Ribeiro (2005) faz referência à influência da mídia, mais especificamente da T.V., com relação ao desenvolvimento das crianças, por se encontrarem em uma fase de formação de valores, conceitos e comportamentos. Ainda, segundo este autor, a exposição da criança a cenas de sexo sem nenhum critério, pode interferir no seu desenvolvimento emocional. Por isso, a qualidade da informação pode levar a criança a um excelente meio de educação, desde que seja utilizado com essa finalidade.

✓ Ação diante do modismo incentivado pela família

As respostas dadas sobre este tema foram:

“Como professor, alertar os alunos que do outro lado existe um consumismo exorbitante que visa apenas o lucro. Fazer uma exploração se aquela roupa ou acessório realmente os deixam bonitos, confortáveis e posteriormente alertar também os responsáveis que alimentam esta conduta do modismo”. (Professor 01)

“Alertar para o perigo que isso pode provocar, conscientizando os pais de como trabalhar esta ‘onda’ de modismo sem envolver os seus filhos perigosamente”. (Professora 02)

“Conversas em sala de aula, conscientização da família em relação às ações presentes e futuras, trabalhos lúdicos e visuais”. (Psicóloga Infantil 01)

“As crianças tendem a imitar os padrões comportamentais sejam da família, da mídia, da comunidade. Os educadores talvez mais do que outros profissionais sabem o poder didático que qualquer imagem tem e se utilizam desse recurso com grande frequência. Cabe ao professor orientar o educando quanto à aquisição de imagens e exposição de si próprio”. (Psicóloga Infantil 02)

“Uma vez que, como foi dito, esse modismo é incentivado pelas famílias, é necessário que seja feita uma conscientização com os pais desses educandos, e orientá-los para que ensinem seus filhos a valorizar seus corpos. Mostrar que, nem tudo que adulto faz ou usa, a criança deve fazer ou usar”. (Psicóloga)

Sobre este tema, todas as entrevistadas ressaltaram a importância de uma conscientização dos pais diante do modismo infantil. Algumas afirmaram ainda que as crianças o fazem inconscientemente, imitando comportamentos observados em adultos; por isso, as entrevistadas enfatizam que deve haver uma orientação também ao educando, acerca da exposição de si próprio.

Para Oliveto (2005), o controle sobre o modismo infantil é dos pais, cabendo a eles a permissão ou proibição. Muitas vezes a criança não compreende o significado de certos atos; é quando deve ser orientada a respeito do seu comportamento.

A mesma autora comenta que os pais não devem ceder aos impulsos consumistas das crianças explicando-lhes que a felicidade não será encontrada em determinado produto. A criança não necessariamente tem que vestir as mesmas roupas dos colegas. E não se deve incentivar a criança a pintar cabelo, fazer unhas ou usar maquiagem. É preciso conscientizá-la de que a infância é

uma fase importante da vida e que cada fase deve ser vivida sem a necessidade de antecipar a próxima fase.

✓ Reação diante de jogos sexuais

A esse respeito, as entrevistadas responderam:

“O professor deve lidar com esta situação de forma natural levando o aluno a perceber apenas que a sala de aula não é o local adequado. O professor também pode desviar o foco de atenção da criança para outras atividades”. (Professora 01)

“Desviar a atenção das crianças para outra atividade. Conversar e orientar os pais e as crianças”. (Professora 02)

“Com a maior naturalidade. Explicando e tirando toda a curiosidade que possa existir”. (Psicóloga Infantil 01)

“Em relação aos comportamentos sexuais observados em sala de aula, como beijos, exploração do corpo do colega e jogos sexuais, o professor pode pautar-se sobre os mesmos princípios que usa para outros comportamentos inadequados em aula, ou seja, demonstrar que entende a curiosidade, mas que a escola é um lugar onde se deve respeitar a vontade dos outros e que estão lá para aprender, brincar etc. O educador não deve se omitir, ao contrário deve orientá-las para brincadeiras e comportamentos adequados, mas sem passar valores morais reprovadores como se a curiosidade fosse algo negativo, ‘feio’ ou pecaminoso”. (Psicóloga Infantil 02)

“O professor de maneira alguma deve tratar esse assunto com indiferença. Ao presenciar esse tipo de situação, deve-se agir com naturalidade, não dando à situação uma conotação de” coisa proibida “. Tudo o que é proibido, não só para a criança, é desafiador”. (Psicóloga)

O posicionamento das entrevistadas à respeito da ação do professor, quando presenciadas situações de jogos sexuais em sala de aula, é unânime no que diz respeito à atitude do professor ser o mais natural possível, não relacionando essa curiosidade a algo negativo ou pecaminoso.

Para Camargo e Ribeiro (1999), os jogos sexuais fazem parte de brincadeiras, e os contatos entre crianças da mesma idade não causam danos

físicos ou psicológicos, e não têm a conotação que o adulto lhes imprime, ou seja, da relação sexual, nem é algo feio, errado, prejudicial ou ruim.

#### ✓ Linguagem utilizada

Sobre a linguagem utilizada, as entrevistadas responderam:

“Linguagem simples, clara, firme e sem rodeios”. (Professora 01)

“A linguagem deve estar de acordo com a faixa etária”. (Professora 02)

“Utilizar as palavras corretas, sem apelidar ou florear nomes e nomenclaturas”.  
(Psicóloga Infantil 01)

“Fornecer explicações em linguagem simples e familiar e ater-se à pergunta feita sem se estender demasiadamente nas explicações”. (Psicóloga Infantil 02)

“A linguagem deve ser o mais simples possível, dentro do entendimento, da maturidade e da curiosidade da criança. É importantíssimo que a nomenclatura correta para cada parte do corpo seja utilizada”. (Psicóloga)

Referente à linguagem utilizada com alunos de 6 a 7 anos, para o esclarecimento de dúvidas relacionadas à sexualidade, as entrevistadas concordaram que a linguagem deve ser extremamente simples, atendo-se apenas ao questionamento levantado, não estendendo as explicações.

Como descreve Nunes e Silva (2000), é recomendado que a curiosidade da criança seja satisfeita respeitando-se limites do seu entendimento, esclarecendo somente sua pergunta de maneira simples, sincera e objetiva, de maneira que novas dúvidas não sejam geradas a partir da resposta.

Para Merleau-Ponty (*apud* 1975, p.28) é necessário estar atento aos níveis de informação e curiosidade da criança. A informação propriamente dita, varia de acordo com o grau de desenvolvimento da mesma.

#### ✓ A influência da família

Sobre a influência da família, as entrevistadas responderam:

“Na forma de tratá-la, vesti-la, comparações exaltando determinado sexo em detrimento do outro. Na observação da conduta dos pais, relação de amizade,

respeito, amor. A criança se espelha no papel que ela acha que vai ser mais vantajoso”. (Professora 01)

“A família é a maior influenciadora no comportamento da criança”. (Professora 02)

“As atitudes frente à criança. A ausência de uma das figuras necessárias nas fases de seu desenvolvimento poderá ocasionar um desvio de comportamento sendo ele sexual ou não”. (Psicóloga Infantil 01)

“Todos os pais têm expectativas em relação aos seus filhos, conscientes ou inconscientes, e uma destas diz respeito à sexualidade da criança. Esta, ao nascer, pode corresponder à expectativa ou não e se desenvolverá conforme for a aceitação do sexo da criança pelos pais. O impulso heterossexual ou homossexual na ciência do comportamento ainda não encontra explicações razoáveis ou justas na área da Psicologia, pois esta ciência ainda não está realizada totalmente”. (Psicóloga Infantil 02)

“Mesmo antes da concepção, a criança é idealizada por seus pais. Todos os sonhos, anseios e vontades são transferidos para ela. No entanto, mesmo que este ideal não seja alcançado (desejo de ter um menino ou uma menina), os pais inconscientemente já transferiram esse desejo para a criança. Portanto, a família exerce influência, mas não isoladamente, outros fatores devem ser levados em conta como o psicológico, o genético e o social”. (Psicóloga)

Acerca da influência da família na opção sexual da criança, há unanimidade em afirmar a existência desta influência. Consciente ou não, a família apresenta uma certa expectativa sobre a opção sexual da criança. Uma das entrevistadas ainda afirma que a ausência de uma das figuras (masculina ou feminina) pode ocasionar um desvio no comportamento sexual, podendo a criança se espelhar no papel sexual da figura do mesmo sexo.

Segundo Ribeiro (2005), a família é o “núcleo de base” da identidade sexual, sendo os pais os que mais próximos convivem com a criança, exercendo assim uma forte influência na formação da identidade. Ribeiro ainda afirma que, não é só a influência da família que deve ser considerada, mas uma inter-relação entre os componentes genéticos (biológicos), psicológicos (incluindo a relação com os pais) e a interação com o social. Este autor cita também que a “orientação sexual é, portanto, um dos aspectos que compõem a identidade sexual”.

Para Aquino (1997) a escola deve saber reconhecer que cada família tem seus valores, que são transmitidos para seus filhos, sabendo respeitá-los com

coerência. Não cabe à escola competir com a família, nem ocupar seu lugar. Ela deve ter o seu papel claramente diferenciado e definido.

✓ Sugestões aos professores

Segundo as entrevistadas as sugestões aos professores são:

“Em relação às meninas, valorização da pessoa, trabalhando a auto-estima, bem como valorizando o menino, a importância de cada um etc”. (Professora 01)

“O professor deve encarar a educação sexual de forma natural, só assim, poderá instruir o seu aluno, sem criar nenhuma barreira”. (Professora 02)

“Trabalhem de forma natural como se trabalha os demais conteúdos, tomando-se o cuidado para não aguçar curiosidades desnecessárias à faixa etária”. (Psicóloga Infantil 01)

“Refletir sobre a própria sexualidade e rever sua postura. A postura do professor também é um indicativo da relevância e da identidade do trabalho. Posturas tímidas, repressoras ou cômicas podem gerar confusões e desencadear processos variados de deturpações da sexualidade humana. É importante que o professor reveja seus conceitos ou preconceitos”. (Psicóloga Infantil 02)

“É necessário primeiramente que os professores se sintam seguros com relação a esse assunto. É preciso que sejam feitos cursos ou que se assistam a palestras acerca deste assunto. Segundo, há uma grande necessidade de orientar os pais para que essa abordagem em sala tenha a compreensão dos mesmos, e que se tenha uma continuidade em casa. Esse trabalho realizado em conjunto fica menos complicado para os pais, professores e educandos”. (Psicóloga)

De acordo com as entrevistadas, o trabalho com a educação sexual deve transcorrer de forma natural. Deve-se dar importância ao desenvolvimento da auto-estima da criança tomando-se o cuidado para não ir além das curiosidades inerentes à faixa-etária. É imprescindível que se trabalhe este tema na infância sendo que o professor, segundo uma das entrevistadas, deve rever seus conceitos e/ou preconceitos refletindo sobre sua própria sexualidade e revendo sua postura para que não se manifeste de forma negativa no momento do trabalho com a criança.

Segundo Nunes e Silva (2000) é preciso reconhecer a necessidade de uma orientação sexual na escola capaz de preparar o educando afetiva, cognitiva e socialmente. O estudo deste tema visa capacitar e orientar o profissional da área de educação para agir e sanar dúvidas que venham surgir. Em pesquisa, realizada por esses autores, alguns professores apontaram uma dificuldade pessoal diante da sexualidade humana, reclamando ainda da falta de conteúdos, o que dificulta o esclarecimento de situações que envolvem a sexualidade infantil.

Ainda sobre este tema, Ribeiro (2005) afirma que o professor, dentro da sua prática pedagógica, deverá identificar em que momento poderá abordar os conteúdos de orientação sexual de forma planejada. Segundo esse autor, é importante ressaltar que a educação sexual na escola deve se dar no âmbito pedagógico, sendo “um trabalho educativo e participativo”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se refletir sobre a educação sexual, pensa-se primeiramente, na situação de origem da criança. São as primeiras experiências afetivas da criança com a mãe e a família que constroem sua sexualidade. Até o prazer que a criança sente por seu corpo e suas funções, o contato físico com a mãe e os carinhos que ela recebe, fazem parte da sua sexualidade.

Quando a criança chega à escola, ela traz, no seu desenvolvimento, uma educação sexual que possui uma marca familiar baseada nas atitudes das pessoas mais próximas, principalmente os pais. Diante disso, pode-se afirmar que a família, consciente ou não, desempenha um papel relevante na educação sexual da criança. Porém, muitas vezes, a criança chega à escola sem que os pais tenham oportunizado o diálogo sobre o sexo.

A criança recebe, geralmente, uma educação sexual de caráter informativo. No início da educação sexual, há a necessidade do diálogo, pois não resta dúvida de que existe uma relação importantíssima entre os aspectos afetivos e sexuais.

As crianças ficam fascinadas com a forma como muda o seu corpo. É comum olharem e tocarem os órgãos sexuais uns dos outros. Esta é uma forma de aprenderem que são normais. Fazem isto com amigos de ambos os sexos. Este tipo de jogo sexual não faz de uma criança um homossexual ou um heterossexual.

A maioria dos autores concorda, atualmente, que a orientação sexual é provavelmente o resultado de uma complexa interação de fatores ambientais, cognitivos e biológicos. Na maioria das pessoas, a orientação sexual se forma muito cedo, quando ainda criança. Em suma, é importante reconhecer que existem muitas razões que moldam a sexualidade de uma pessoa, sendo que estas razões diferem de um indivíduo para outro.

Em relação às dúvidas das crianças, é importante respondê-las objetivamente, limitando-se ao que foi perguntado. Os pais sentem, por vezes, receio em dar informações cedo demais aos seus filhos, pensando que, de alguma forma, possam encorajá-los a se tornarem sexualmente ativos.

Tanto na escola quanto na família deveria haver um espaço para que a criança expusesse seus comportamentos e suas inquietações, sem repressão. É necessário certificar-se de que elas saibam que podem sempre fazer mais perguntas. No entanto, não é fácil para a escola proporcionar este espaço de

esclarecimento para as crianças. Nem sempre a escola está preparada para tal função.

Um clima favorável de esclarecimentos depende também da maneira como os professores aceitam e expressam sua própria sexualidade. Lidar com a sexualidade infantil depende da maneira como o adulto tem resolvidas essas questões.

Deve-se garantir também aos professores condições de atuação para um trabalho com orientação sexual. Os educadores devem, acima de tudo, estar informados sobre sexualidade. Um dos obstáculos que o professor encontra refere-se ao conhecimento que a criança tem sobre o assunto, ou o que os pais gostariam que ela soubesse. O educador corre o risco de se confrontar com os pais, que muitas vezes acreditam que ainda é muito cedo para certas informações.

A educação sexual existe desde que os homens vivem em comunidade. Uma geração passa para outra geração e assim a cultura registra o significado da sexualidade, os comportamentos sexuais, os papéis sexuais.

A sexualidade que foi durante algum tempo um tabu tornou-se depois uma questão religiosa, seguida por uma questão médica, e hoje é uma questão de mercado.

As pessoas oferecem os produtos de uma sexualidade, onde se utiliza todo o tipo de estimulação visual, para uma sexualidade impessoal, mecânica e genital. Isso é banalizar a sexualidade.

É a escola que deve trabalhar essa ressignificação de todas as informações, de toda esta inserção da mídia na questão da sexualidade

A atitude e o compromisso com nossas crianças, de qualquer faixa etária, não permite mais a exclusão da Educação Sexual no projeto político - pedagógico das escolas.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Groppa, org. **Sexualidade na escola**. São Paulo: Summus, 1997.
- BOGDAN, Robert e BİKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em educação**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.
- BRASIL – **Currículo da Educação Básica das escolas públicas do Distrito Federal**: ensino fundamental 1ª a 4ª série. 2. ed. Brasília: Secretaria de Educação do Estado, 2002.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de e RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s)** – A sexualidade como um tema transversal. Coordenação Ulisses F. Araújo. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- DUNLEY, Gláucia, (org.). **Sexualidade & Educação**: um diálogo possível?. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999 (Coleção Educação em Diálogo, vol. 2)
- ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Delta S.A., 1980. v. 08; v.13, p. 7304.
- GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola. Mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. **A estrutura do comportamento**. Trad. de José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Bloch, 1988.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVETO, Paloma. O controle é dos pais. **Correio Braziliense**, Caderno-Brasil, Brasília, p. 15, fev. 2005.

PIAGET, Jean. **Os Estágios do Desenvolvimento Intelectual da Criança e do Adolescente**. In: *Piaget*. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

RIBEIRO, Marcos. **Sexo: como orientar seu filho**: como lidar com aquelas situações delicadas e perguntas que deixam pai e mãe de “cabelo em pé”. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

SAYÃO, Rosely. **Sexo, prazer em conhecê-lo**. 4. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. 134 p.

SUTIL, Rosimery. Estrutura e apresentação do trabalho. In: **O Desenvolvimento Sexual da Criança**. Disponível em: <<http://www.utp.br/pedagogia/sexualidadeinfantil/>>. Acesso em: 24 mar. 2005.





CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

Entrevistadora: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/2005.

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE SEXUALIDADE INFANTIL**

01- Como deve ser trabalhada a Orientação Sexual em crianças da faixa etária de 06 e 07 anos?

---

---

---

---

02- Como o professor deve agir diante da “bagagem sexual” que a criança traz do contexto familiar?

---

---

---

---

03- O professor deve utilizar exemplos da mídia para o trabalho com educação sexual para essas crianças?

---

---

---

04- Como agir frente ao modismo que prega o erotismo infantil (uso de roupas, acessórios maquiagens), incentivado pela família?

---

---

---

---

---

05- Diante de situações em que se presencie jogos sexuais dentro de sala de aula, como deve ser a ação do professor?

---

---

---

---

---

06- Que tipo de linguagem deve ser utilizada para o esclarecimento de dúvidas das crianças (faixa etária de 06 e 07 anos)?

---

---

---

---

---

07- Até que ponto a família influencia na opção sexual da criança?

---

---

---

---

08- Que sugestões você transmitiria aos professores sobre a educação sexual nessa faixa etária?

---

---

---

---

---